

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DE FORTALECIMENTO DA APRENDIZAGEM



ADA – 1º BIMESTRE – CICLO I LÍNGUA PORTUGUESA – 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO – 2018

Professor (a), estas atividades referem-se aos descritores cujo índice de acertos ficou abaixo de 50%. Os itens que avaliaram esses descritores tiveram como suporte textos literários, por isso comente com eles sobre a necessidade de ler, compreender e interpretar esses textos, seja em prosa ou em verso, compreendendo o que as questões objetivam e quais são as expectativas cobradas em cada descritor. As atividades foram elaboradas com o objetivo de traçar um caminho de compreensão do que o descritor propõe. Contextualize o período literário.

D3-Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

D4-Inferir uma informação implícita em um texto.

D15-Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

Expectativas de aprendizagem

- Ler textos de qualquer gênero, utilizando diferentes estratégias de leitura como mecanismos de interpretação de textos: formular hipóteses (antecipação e inferência); verificar hipóteses (seleção e checagem) (Currículo Referência do Estado de Goiás. Língua Portuguesa. 8º Ano. Eixo: Prática de leitura).*
- Refletir sobre os elementos articuladores (preposições, conjunções, pronomes e advérbios) nos gêneros em estudo.*

Professor (a), inicie as atividades comentando, oralmente, com os estudantes que “Navio Negroiro”, de Castro Alves, integra um poema épico chamado “Os Escravos”. Escrita em 1986, na cidade de São Paulo, relata a situação sofrida pelos africanos vítimas do tráfico de escravos nas viagens de navio da África para o Brasil, estando dividida em seis partes com metrificacão variada. Primeira parte: o céu e o mar como infinitos que se aproximam tanto pela cor azul como pelo amplo espaço são os lugares centrais da poesia, no meio dessa infinitude, encontra-se o barco, que navega com o vento e com o esforço dos homens queimados de sol. Segunda parte: o poeta começa a imaginar de que nação é aquele barco que segue em alto-mar, mas, na realidade, isso não faz muita diferença, pois todo navio no oceano é cheio de poesia e de saudades. Terceira parte: através dos olhos do Albatroz, o poeta consegue se aproximar do navio e observar o que acontece lá, para a sua surpresa, o canto não é de saudades ou de poesia, mas, sim, um canto fúnebre e o que se vê no navio é vil. Quarta parte: o poeta descreve a horrível cena que se passa no convés do navio: uma multidão de negros, mulheres, velhos e crianças, todos presos uns aos outros, dançam enquanto são chicoteados pelos marinheiros. A descrição é longa, feita em seis estrofes. As principais imagens são as dos ferros que rangem, formando uma espécie de música, e da orquestra de marinheiros que chicoteiam os escravos. A relação entre a música e a dança com a tortura e o sofrimento dão uma grande carga poética à descrição da cena. No final, quem ri da dança insólita é o próprio Satanás, como se fosse um show de horrores feito para o diabo. Quinta parte: o poeta mostra a sua indignação perante o navio negroiro e roga a Deus e à fúria do mar para que acabe tal infâmia. A primeira estrofe é repetida no final, como se o pedido fosse reforçado pelo poeta. Sexta parte: o poeta questiona qual a bandeira que, hasteada nesse navio, é a responsável por tal barbaridade. É uma retomada da segunda parte do poema. Se antes a bandeira não importava, pois o que se ouvia era a poesia e o canto, agora ela é essencial diante do sofrimento que o navio carrega. O que se vê hasteada é a bandeira do Brasil, pátria do poeta. O sentimento de desapontamento é grande, ele realça as qualidades do seu país, a luta pela liberdade e toda a esperança que reside na nação e que agora é manchada pelo tráfico de escravos.

Castro Alves é um dos maiores poetas da terceira geração romântica, também conhecida como geração Condor. Chamado de o “único poeta social do Brasil”, sua obra atingiu fama e reconhecimento pela crítica. Seu principal livro, Espumas flutuantes, foi o único publicado em vida e responsável pelo resgate de suas outras obras. O combate ao sistema escravagista rendeu ao escritor a alcunha de “Poeta dos Escravos”. O pensamento liberal do final do século 19 e o movimento abolicionista também foram grandes influências para o poeta.

Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poema-o-navio-negroiro-de-castro-alves>>. Acesso em: 27 abr. 2018 (adaptado).

Professor (a), explique aos estudantes que esse poema é extenso, por isso ele não está na íntegra, mas proponha que leiam a versão completa, ou, ainda, você poderá expô-lo na sala.

Leia alguns trechos de um dos poemas mais conhecidos de Castro Alves e responda as atividades de 1 a 6.

Navio negreiro

Castro Alves

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.
[...]
Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.
[...]
Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...
.....
[...]

II

[...]
Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.
[...]

III

[...]
Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!
[...]

IV

[...]
Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...
[...]
No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...
[...]

V
[...]
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

[...]

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...
[...]

VI

[...]
Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

[...]

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélogo profundo!
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poema-o-navio-negreiro-de-castro-alves>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

1. Releia o poema e observe como a seleção de palavras contribui para criar um quadro forte e indignado contra a escravidão. Agora faça o que se pede.

Associe corretamente a palavra ao seu significado. Caso não conheça o significado, utilize o dicionário.

1. algoz 2. turba 3. atroz 4. excitar

- (2) multidão em desordem.
- (4) provocar.
- (1) carrasco; pessoa que mata ou aflige outra.
- (3) intensamente cruel, desumano.

2. Pesquise em um dicionário o significado das palavras “varrer” e “borrão”.

varrer [ê] - Conjugar

verbo transitivo

- 1. Limpar com vassoura.
- 2. [Figurado] Limpar de, fazer desaparecer.
- 3. Tirar, despejar.
- 4. Dispersar, pôr em fuga.
- 5. Arrastar-se por.
- 6. Impelir, levar com ímpeto.
- 7. Deslizar por cima de.

verbo intransitivo

8. [Popular] Perder o crédito; acabar, findar.

verbo pronominal

- 9. Dissipar-se, desvanecer-se.
- 10. Esquecer, ficar no olvido.

substantivo masculino

11. O ato de varrer.

Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/varrer>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

borrão

substantivo masculino

1. *Nódoa de tinta na escrita.*
2. *Rascunho.*
3. *Esboço.*
4. *Borrador (livro).*
5. *Qual [Figurado] Nódoa.*
6. *Mácula moral, desdouro.*

Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/borr%C3%A3o>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

3. Leia: “Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus, / Se eu deliro... ou se é verdade / Tanto horror perante os céus?!... / **Ó mar, por que não apagas/ Co'a esponja de tuas vagas/**

Do teu manto este borrão? / Astros! noites! tempestades! / Rolai das imensidades! / Varrei os mares, tufão! ...”

Nesse trecho, o eu lírico pede ao mar que apague de sua superfície (teu manto) um borrão. Agora, releia os versos destacados.

a) O que significa a palavra “borrão” nesse contexto?

Nesse contexto, a palavra “borrão” tem o sentido de algo que mancha a honra ou a reputação. E o que mancha a reputação e envergonha são os navios negreiros que cruzam o oceano Atlântico, comercializando pessoas.

b) O que significam as palavras “orquestra” e “serpente”, de acordo com o contexto deste poema, nos versos: “E ri-se a orquestra irônica, estridente. . . / E da ronda fantástica a serpente / Faz doudas espirais...” ?

A palavra “orquestra” significa um conjunto de sons (gritos, gemidos e lamentos) emitidos pelos negros maltratados. “Serpente” é o chicote com o qual os negros eram chicoteados.

4. A inferência envolve a leitura das entrelinhas, da intencionalidade e dos sentidos que o texto sugere e que não estão explicitados. É o resultado das conclusões a que chegamos ao fazer as associações e relações de todas as informações ditas ou sugeridas no texto. A partir do que foi exposto, o que podemos inferir de cada verso? Associe corretamente os versos ao que eles permitem inferir.

I. “Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus, / Se eu deliro... ou se é verdade / Tanto horror perante os céus?!...”

II. “Diz do fumo entre os densos nevoeiros: / “Vibrai rijo o chicote, marinheiros! / Fazei-os mais dançar!...”

III. “Ontem plena liberdade, / A vontade por poder... / Hoje... cúm'lo de maldade, / Nem são livres p'ra morrer. . .”

(II) A dança solicitada dos escravos é, na verdade, o conjunto de movimentos, acompanhados pelos gritos de dor (a orquestra), que os negros fazem ao serem chicoteados.

(III) Os negros eram livres e viviam à vontade, mas, naquele navio, não tinham liberdade nem para morrer.

(I) O eu lírico questiona ao Senhor Deus se o sofrimento que ele presencia é real ou sonho.

5. As orações se relacionam umas com às outras por meio de uma palavra ou expressão, chamada de conjunção. Agora releia estes pares de orações:

I. Neste saara os corcéis o pó levantam, / Galopam, voam, não deixam traço.

II. Orquestra — é o mar, que ruge pela proa, /o vento, que nas cordas assobia...

III. Dizei-me vós, Senhor Deus, /eu deliro... é verdade

IV. Outras moças, /nuas e espantadas

a) Pelo modo como as orações estão apresentadas, não há palavras relacionando-as. Volte ao texto e retire as palavras que ligam essas orações.

As palavras que ligam as orações são: mas, e, se, ou, se, mas.

b) No texto, em qual par de orações a palavra “que”

- estabelece uma relação de oposição ou contraste?

Os pares I e IV.

- estabelece uma relação de adição?

O par II.

- estabelece uma relação de alternância?

O par III.

- indica uma hipótese ou uma condição?

O par III.

Professor (a), chame a atenção dos estudantes para a possibilidade de uma mesma conjunção estabelecer mais de uma relação, contribuindo para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases.

Leia um fragmento de *O guarani*, romance histórico-indianista de José de Alencar e, a seguir, responda as atividades 6, 7, 8 e 9.

Professor (a), comente com os estudantes que O guarani foi publicado pela primeira vez sob a forma de folhetim no Diário do Rio de Janeiro, em 1857. Explique-lhes que José de Alencar foi o principal romancista brasileiro da fase romântica, autor de romances indianistas, históricos, urbanos e regionalistas. Diga-lhes que este fragmento retrata o episódio em que toda a família de D. Antônio de Mariz está aprisionada pelos Aimorés, e Peri, a fim de salvar Ceci, enfrenta, sozinho, um exército de duzentos inimigos.

XIII – Combate

José de Alencar

Mas o inimigo caiu no meio deles, subitamente, sem que pudessem saber se tinha surgido do seio da terra, ou se tinha descido das nuvens.

Era Peri.

Altivo, nobre, radiante da coragem invencível e do sublime heroísmo de que já dera tantos exemplos, o índio se apresentava só em face de duzentos inimigos fortes e sequiosos de vingança.

[...]

Passado o primeiro espanto, os selvagens bramindo atiraram-se todos como uma só mole, como uma tromba do oceano, contra o índio que ousava atacá-los a peito descoberto. Houve uma confusão, um turbilhão horrível de homens que se repeliam, tombavam e se estorciam; de cabeças que se levantavam e outras que desapareciam; de braços e dorsos que se agitavam e se contraíam, como se tudo isto fosse partes de um só corpo, membros de algum monstro desconhecido debatendo-se em convulsões.

O velho cacique dos Aimorés se avançava para ele sopesando a sua imensa clava crivada de escamas de peixe e dentes de fera; alavanca terrível que o seu braço possante fazia jogar com a ligeireza da flecha.

Os olhos de Peri brilharam; endireitando o seu talhe, fitou no selvagem esse olhar seguro e certo, que não o enganava nunca.

O velho aproximando-se levantou a sua clava e imprimindo-lhe o movimento de rotação, ia descarregá-la sobre Peri e abatê-lo; não havia espada nem montante que pudesse resistir àquele choque.

O que passou-se então foi tão rápido, que não é possível descrevê-lo; quando o braço do velho volvendo a clava ia atirá-la, o montante de Peri lampejou no ar e decepou o punho do selvagem; mão e clava foram rojar pelo chão.

[...]

Peri, vencedor do cacique, voltou um olhar em torno dele, e vendo o estrago que tinha feito, os cadáveres dos Aimorés amontoados uns sobre os outros, fincou a ponta do montante no chão e quebrou a lamina. Tomou depois os dois fragmentos e atirou-os ao rio. Então passou-se nele uma luta silenciosa, mas terrível para quem pudesse compreendê-la. Tinha quebrado a sua espada, porque não queria mais combater; e decidira que era tempo deuplicar a vida ao inimigo.

Mas quando chegou o momento de realizar essa súplica, conheceu que exigia de si mesmo uma coisa sobre-humana, uma coisa superior às suas forças.

Ele, Peri, o guerreiro invencível, ele, o selvagem livre, o senhor das florestas, o rei dessa terra virgem, o chefe da mais valente nação dos Guaranis, suplicar a vida ao inimigo! Era impossível.

Três vezes quis ajoelhar, e três vezes as curvas de suas pernas distendendo-se como duas molas de aço o obrigaram a erguer-se.

Finalmente a lembrança de Cecília foi mais forte do que a sua vontade.

Ajoelhou.

[...]

Disponível em: <http://www.educacional.com.br/classicos/obras/O_guarani.pdf>. Acesso em: 02 maio 2018.

6. Releia o texto e observe a descrição de Peri no 3º parágrafo do texto.

a) Retire os adjetivos que caracterizam a figura de Peri.

Os adjetivos que caracterizam Peri são: ativo, nobre, radiante.

b) No confronto com os índios e com o chefe aimoré, Peri corre sério risco. Que característica do herói é ressaltada no fato de Peri enfrentar duzentos índios inimigos? E na situação de confronto com o chefe aimoré?

No fato de Peri enfrentar duzentos índios inimigos, a característica ressaltada é a coragem; e na situação de confronto com o chefe aimoré, as características ressaltadas são a rapidez e a astúcia.

c) Peri é um índio, no entanto, enfrenta sozinho duzentos índios aimorés para salvar seus amigos brancos. O que podemos inferir desta atitude de Peri?

Podemos inferir que Peri tem uma atitude ou um gesto de grandeza, de altruísmo, de coragem, de bravura.

7. Releia esse trecho: “Finalmente a lembrança de Cecília foi mais forte do que a sua vontade. Ajoelhou.” O que podemos inferir desta afirmação?

Podemos inferir que Peri apesar de sua coragem e bravura ele se rendeu em virtude de sua servidão e fidelidade a Ceci.

8. Entre os trechos de cada período a seguir, pode ser estabelecida relação de adição, de causa, de alternância, de condição ou hipótese. Identifique qual é essa relação e indique a conjunção responsável por ela.

a) “Então passou-se nele uma luta silenciosa, mas terrível para que pudesse compreendê-la.

Relação de oposição ou contraste, a conjunção é “mas”.

b) “Tinha quebrado a sua espada, porque não queria mais combater; e decidira que era tempo de suplicar a vida ao inimigo.”

Relação de causa, a conjunção é “porque”, e uma relação de adição, determinada pela conjunção “e”.

c) “(...) sem que pudessem saber se tinha surgido do seio da terra, ou se tinha descido das nuvens.”

Relação de alternância, a conjunção é “ou”. Relação de condição ou hipótese, dada pelas conjunções “sem que” e “se”.

d) “(...) não havia nem montante que pudesse resistir àquele choque.”

Relação de adição, a conjunção é “nem”.

9. Reescreva os trechos da atividade anterior, trocando as conjunções por outras, de forma a manter o mesmo sentido.

Em a), “mas” pode ser substituído por: porém, contudo, entretanto, no entanto.

Em b), “porque” pode ser substituído por: uma vez que, já que, como, etc. e o “e” por: não só, mas também, nem.

Em c), “sem que” pode ser substituída por: se, contando que, desde que, caso, a não ser que, etc. O “ou” pode ser substituído por: ora ...ora, ou...ou.

Em d), “nem” pode ser substituído por: não só, mas também.

Professor(a), corrija essa atividade oralmente, observando se os estudantes utilizam as conjunções próprias de cada relação. O objetivo é fazer com que tomem consciência da importância de uma escolha acertada das conjunções para garantir o estabelecimento e a manutenção da coesão sequencial em um texto. Assim, comente que é importante fazer uma análise dos vínculos sintáticos e semânticos criados pelas conjunções.